

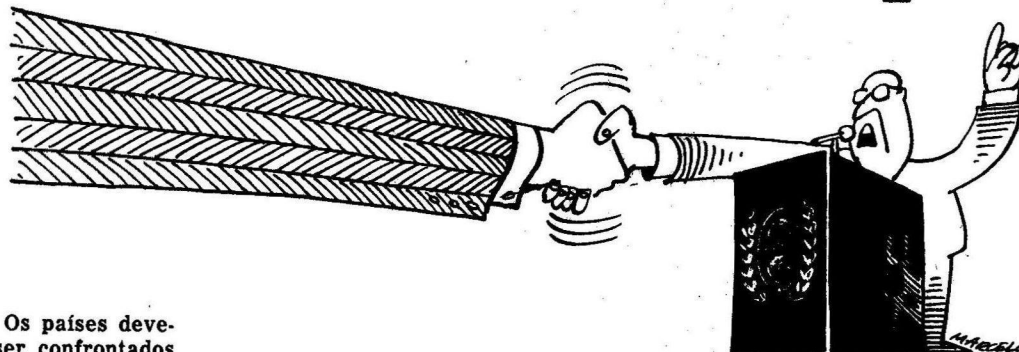
# Alemanha Ocidental apóia o Brasil na renegociação

MIRIAM ALENCAR  
Correspondente

NOVA YORK —  
“A dívida não é só assunto econômico e financeiro. É também uma questão política, de paz social e estabilidade interna. Os países devedores não devem ser confrontados com exigências impossíveis. O serviço da dívida não pode ser pago pelo Terceiro Mundo com recessão, desemprego, fome e ameaça à liberdade, à democracia e à independência. Não podemos nos esquecer de que, para que essa crise se resolva é preciso nova redução das taxas de juros”.

Com esse discurso de seu Ministro do Exterior, Hans Dietrich Genscher, na Assembleia-Geral das Nações Unidas (ONU), a Alemanha Ocidental manifestou oficialmente seu apoio à tese brasileira de que a questão da dívida externa deve ser tratada em bases políticas.

— Desde 1982, procuramos superar o problema, que continua ameaçando a economia mundial como uma bomba-relógio e comprometendo a saúde do sistema bancário e dos países em desenvolvimento. O que



fazer? Precisamos encontrar meios de restaurar os fluxos de crédito, para que novos recursos sejam encaminhados aos países em desenvolvimento.

O Ministro alemão pediu aos bancos que não neguem sua responsabilidade no endividamento do Terceiro Mundo e a este, que se esforce para se reformar política e economicamente e para combater a inflação, pois só assim se criará “um clima propício ao desenvolvimento e se evitará a fuga de capital”.

Em mais um sinal de apoio à tese brasileira, defendida pelo Presidente José Sarney na ONU, Genscher disse que o mercado internacional deve se abrir aos produtos das nações devedoras:

— O protecionismo é perigoso para o crescimento econômico dos países industrializados e mortal para o das nações em desenvolvimento. Se os industrializados abrirem seus mercados, os países em desenvolvimento poderão se integrar à economia mundial. Quem impedir o acesso do Terceiro Mundo a seus mercados estará impedindo o desenvolvimento.

O discurso do Ministro alemão entusiasmou os integrantes da comitiva de Sarney que ainda não voltaram ao Brasil. Eles acreditam que esse apoio facilitará as negociações com os Estados Unidos, que já manifestaram também sua disposição ao diálogo político sobre a dívida.